

Itamaraty de portas abertas

» CARLOS ALBERTO FRANCO FRANÇA
Ministro de Estado das Relações Exteriores



G O M E Z

Quando o governo republicano deslocou-se para o Palácio do Catete em 1897, após ter-se abrigado por seus oito primeiros anos no antigo palacete do Conde de Itamaraty, legou ao Ministério das Relações Exteriores a primeira sede da Presidência. O palacete no centro do Rio de Janeiro viria a sediar a pasta por mais de 70 anos e acabaria por atribuir também a alcunha pela qual se tornou conhecida a diplomacia brasileira. Tãmanha é a identidade entre o nome e a instituição que, por ocasião da mudança para a nova capital, aquele que Oscar Niemeyer havia batizado “Palácio dos Arcos” consolidou-se como “Palácio Itamaraty”, por decreto presidencial, antes mesmo de sua inauguração oficial em 1970.

As novas edificações combinaram a tradição de uma instituição centenária com a modernidade da nova capital. A face conhecida desse feito, Oscar Niemeyer, contou com a colaboração de diversos profissionais e operários que merecem nossa homenagem e gratidão. O responsável por levar o espírito do Itamaraty para a prancheta do arquiteto foi o diplomata Wladimir do Amaral Murtinho, entusiasta da nova capital e presidente da Comissão de Transferência do Itamaraty para Brasília. Murtinho transmitiu ao projetista as necessidades da instituição, as funções, os valores, a história. Envolveu-se direta e ativamente nos trabalhos de ambientação, idealizando verdadeira síntese das artes modernas a serviço do país.

O diplomata enxergou como ninguém a oportunidade de fazer da nova sede da chancelaria verdadeira vitrine da criatividade,

qualidade e produção brasileiras. Materiais, artistas, designers, temas, vegetação, tudo deveria remeter ao Brasil e valorizar o elemento nacional, refletindo a missão institucional. O Ministério das Relações Exteriores representa o Estado brasileiro: os objetos, os móveis, as obras de arte são expressões do país e revestem-se de papel de representação da nacionalidade e da cultura brasileira, para além de seu uso cotidiano.

A influência de Murtinho sobre a nova sede do Itamaraty impactou a paisagem urbana no coração da Esplanada. Ao insistir com Niemeyer que os convidados estrangeiros fossem recebidos em edifício mais imponente do que o originalmente planejado, tornou a sede do Ministério, mais tarde acompanhada pelo Palácio da Justiça, espécie de prelúdio à Praça dos Três Poderes.

Murtinho, contudo, não se preocupava apenas com a apresentação do Brasil para o mundo. Entendia que o patrimônio pertencia ao povo brasileiro, que deveria ter acesso a essa riqueza do país. Em 1967, após os primeiros eventos oficiais na nova sede do Ministério, franqueou o edifício à população de Brasília. Ao fazê-lo, repetia, talvez sem saber, iniciativa de 1930, quando o palacete no Rio de Janeiro foi aberto ao público por quatro domingos, após obras de restauro e a construção de novo edifício para a biblioteca.

Essas iniciativas antecederam a tradição de celebração do patrimônio, desenvolvida nos anos 1980 e 1990, quando diversos países pelo mundo passaram a estabelecer dias de “portas abertas”, para a visita pública

de edifícios governamentais representativos. Algumas de nossas embaixadas adotaram a iniciativa e a mantêm até hoje, como em Buenos Aires, Madri, Montevideu e Paris.

Em linha com a intenção de ampliar o acesso aos espaços públicos, o MRE mantém há mais de uma década serviço regular de visitação educativa. Público e convidados têm a oportunidade de conhecer um pouco da história, da arquitetura e das obras de arte do acervo do Palácio Itamaraty. O percurso pelas áreas comuns e de recepção despertam o interesse não só pelos ambientes de trabalho, mas também pelas atividades do órgão e pelo significado da diplomacia para o Estado brasileiro.

Retomando as iniciativas de 1930 e 1967, e no intuito de aproximar cidadãos do cotidiano do Ministério, o Itamaraty abrirá suas portas neste sábado, 11 de junho, data de nascimento do embaixador Murtinho, para visita cívica estendida, que incluirá, além do trajeto tradicional, cerca de oito ambientes normalmente inacessíveis ao público.

No ano em que o Brasil celebra o bicentário da independência e o centenário da Semana de Arte Moderna de São Paulo, completam-se também 20 anos do falecimento de Wladimir Murtinho. Parece propício que o Itamaraty lance, nesse dia e neste ano, o que se espera venha a tornar-se nova tradição de Brasília: um dia de portas abertas da sede do Itamaraty, uma ocasião para resgatar, debater e celebrar o patrimônio histórico, artístico e cultural do órgão, da cidade e do país. Esse dia só poderia chamar-se Jornada Wladimir Murtinho.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Criminoso de guerra

Sabendo que as guerras são todas travadas em nome do di-nheiro, não é de se estranhar que nesses jogos da morte, os ricos, que permanecem na retaguarda, ponham na frente da batalha apenas a parcela pobre da população, que luta por uma causa que não lhe diz respeito. E, em síntese, o leitmotiv de todas as guerras e que mostra bem quem perde e quem ganha com esses conflitos, não sendo diferente no caso atual envolvendo a Ucrânia e a Rússia. Esse é de fato um conflito sangrento, que deveria ser denominado mais apropriadamente como a Guerra de Putin.

Ele é diretamente o principal protagonista desse conflito, sua razão e finalidade, sendo também aquele, que permanecendo em segurança, distante à milhares de quilômetros do front, ordena, sem remorsos e por uma pulsão incontável de morte, que jovens de famílias pobres e sem perspectiva, marchem unidos em direção aos campos de morte.

Desde que chegou ao poder naquele país do Leste europeu em 1999, tem sido essa a estratégia macabra de Putin, um ex-integrante da tenebrosa KGB, um indivíduo claramente paranoico e perturbado pelos anos de treinamento como espião, capaz de suspeitar da própria sombra. Um personagem que vem fazendo história como o mais novo genocida do século 21.

Em seu currículo, todo ele escrito com as tintas rubras de sangue, acumula um rastro de mais de cinco guerras oficiais, em suas fronteiras próximas e longe delas, e um número incontável de outras escaramuças, onde tem deixado centenas de milhares de mortes, de todas as idades, de todos os credos e culturas.

Para tanto, não hesita em movimentar sua numerosa máquina de guerra, comandada pelos maiores e mais estrelados carneiros e assassinos de alta patente da atualidade, cuja missão é destruir tudo e matar indiscriminadamente todos pela frente. São verdadeiros açougueiros, treinados para eliminar vidas, todos eles apresentando o peito cheio de medalhas vazias, que nada mais representam do que os números de cadáveres que colecionam em suas missões.

Para dar prosseguimento livre a um governo tão brutal, Putin persegue e manda prender, envenenar e assassinar todos os opositores, reprimindo e censurando a imprensa interna, controlando o parlamento, a justiça e a economia do país, pondo no comando das empresas do Estado pessoas ligadas diretamente a ele, num esquema que vem sendo conhecido agora pelo mundo, com a prisão de muitos oligarcas bilionários ligados ao poder. Enquanto a população empobrece, a olhos vistos, privada de tudo, esses oligarcas e o próprio Putin, com a indústria de armamentos, de petróleo do país, todos eles mancomunados com o ditador eslavico, não sabem onde esconder e lavar tanto dinheiro desviado dos cofres públicos.

Trata-se aqui de um autêntico criminoso e de guerra a quem o mundo vai conhecendo e tomando medo e ojeriza. Não só por isso, deveria merecer por parte das autoridades do Brasil, caso tivéssemos ainda algum traço de dignidade e senso de ética, todo o repúdio e condenação, afastando nosso país de todo e qualquer relacionamento com aquele Estado, enquanto esse ditador não for devidamente afastado do cargo e julgado por seus crimes contra a humanidade.

Envergonha os brasileiros de bem, que o atual presidente da República, tenha realizado, com sua família, uma visita amistosa ao tirano, em plena guerra, emprestando-lhe solidariedade em nome do povo.

Não pode haver solidariedade com criminosos e, por certo, os cidadãos de bem não endossam esse apoio a alguém que será julgado com toda a severidade pela história. Há ainda, nesse caso, o olhar cúmplice e sempre de paisagem feito pela diplomacia do Itamaraty, alheio a esses fatos sangrentos e à uma relação que nos afronta e amedronta. Infelizmente, desde o nascer o século 21, o Ministério das Relações Exteriores não apenas parece ter perdido o respeito do resto do mundo, como perdeu o próprio rumo, andando as voltas como cachorro doido que corre atrás do próprio rabo.

» A frase que foi pronunciada

“Honrando a memória das vítimas do Holocausto, no qual morreram mais de dois milhões de judeus ucranianos, a Ucrânia pede a Israel que também reconheça o Holodomor como um ato de genocídio contra o povo ucraniano.”

Volodymyr Zelensky

Saúde!

» Vamos para o terceiro ano de pandemia e, até hoje, uma campanha muito tímida em termos de divulgação está no portal do Ministério da Saúde. Prepare-se. Espirito só na dobra do braço. Na padaria do Lago Norte, senhora com joias expostas pelo corpo não teve dúvida. Baixou a máscara e espirrou com vontade no ambiente fechado. Veja no *Blog do Ari Cunha* uma pesquisa feita sobre o alcance dos espirros, a melhor forma de espirrar. Veja também as gotículas açando voo pelo espaço em câmera lenta.

Responda com sinceridade

» Se faltam funcionários na Secretaria de Saúde sugerimos uma solução. Estamos na era da informática. As informações no portal da Secretaria de Saúde do GDF estão defasadas. É preciso contratar apenas uma equipe para manter o portal atualizado, uma vez que não há telefone nas Unidades de Saúde.

» História de Brasília

Quando a Novacap quer, mesmo, tomar uma decisão jurídica, entrega o assunto ao dr. Bessa. Esta nota vem a propósito da regularização que está sendo feita junto aos comerciantes que ocupam lojas da Novacap. (Publicada em 1/3/1962)

Cultura da doação

» LINA BOCCHI

Analista de relacionamento do Instituto Conecta Brasil

Não é novidade que a pandemia resultou em grande impacto na área social. No Brasil, problemas que já existiam foram alastrados, trazendo à tona a urgência de ampliarmos nosso olhar ao próximo, principalmente pessoas e comunidades em situação de vulnerabilidade. A resposta a esse grande desafio foi contundente, no primeiro ano da covid-19. Em 2020, as doações dobraram de 3,25 bilhões doados em 2019 para 6,5 bilhões, sendo que 88% desse total foram doações de empresas, segundo a pesquisa Benchmarking do Investimento Social Corporativo (Bisc).

Hoje, 2022, já sabemos que o ritmo de doações desacelerou, muito em detrimento da crise econômica que assola o país. Porém, o que a pandemia nos mostrou foi muito além da comoção social com a necessidade do outro. As informações revelam um potencial muito grande de doadores e voluntários no Brasil. Outra métrica interessante que comprova esse ponto é o número de voluntários ativos no Brasil, ou seja, pessoas dispostas a doar suas habilidades e participarem ativamente na transformação da sociedade: são 57 milhões, de acordo com a terceira edição da Pesquisa Voluntariado no Brasil, realizada pelo Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social (Idis) e pelo Instituto Datafolha em 2021.

Os dados evidenciam que a cultura da doação pode — e deve — ser uma realidade nacional. Esse movimento nada mais é

do que enraizar a doação e o voluntariado como parte ativa da nossa cultura, a partir do entendimento de que todos somos elementos da mudança positiva que queremos na sociedade. O Brasil ficou em 54º lugar no ranking de 2021 do World Giving Index (Índice Mundial de Doação), subindo 14 posições em relação a 2018, o que mostra que estamos avançando. Além do comportamento ligado às pessoas e empresas enquanto potenciais doadores, a transparência das organizações da sociedade civil (OSCs) é essencial, visto que um dos maiores impedimentos dos concessionários é a dúvida relacionada à destinação do recurso doado. É essa clareza que vai garantir ao projeto credibilidade para continuar e ampliar a atuação na comunidade e até expandir — evolução fundamental para manter a organização sustentável.

Atuando diretamente com o Terceiro Setor, sabemos que é imprescindível para as OSCs mostrar transparência por meio de um nível de organização e controle, que pode ser iniciado com processos simples como anotar nomes para elaborar um cadastro de pessoas assistidas, registrar fotos das entregas de doações e ações promovidas pela OSC, estabelecer controle de recebimentos, entre outras atividades que resultam na prestação de contas, ou seja, informar o doador sobre como os recursos foram utilizados. Quando essa ponta é fortalecida, as OSCs se desenvolvem e são vistas com mais credibilidade, podendo assim aumentar a captação de recursos.

Atualmente, com o avanço da tecnologia, instituições sociais ampliaram seu leque de divulgação, exemplo disso são as plataformas digitais. Em um mundo 100% conectado, é inegável a importância das OSCs estarem presentes on-line. Projetos como as plataformas digitais visam conectar instituições sociais a doadores e voluntários, por meio da divulgação de campanhas de arrecadação e vagas de voluntariado, proporcionando uma oportunidade infinita para todos que querem ajudar o próximo de alguma forma. Além disso, as plataformas exigem transparência por parte das OSCs e têm servido como crivo para que os doadores se sintam seguros em contribuir com causas com as quais se identificam, independentemente do local onde estejam. Isso acontece porque o cadastro na plataforma em si já é um indicio de organização, pois, para se cadastrar, as instituições sociais passam por cuidadosa análise da equipe por trás da plataforma, atestando a confiabilidade nos trabalhos desenvolvidos por elas.

Por fim, cabe a nós enquanto cidadãos trazer visibilidade às campanhas e projetos nas nossas redes sociais, ampliando o alcance das instituições que conhecemos ou das causas com as quais nos identificamos. Precisamos, com urgência, falar mais sobre doações, contando sobre aquela causa que contribuímos para nossos pares, amigos, vizinhos. Aguçar a percepção em relação ao outro é o primeiro passo para fortalecer nossa cultura da doação.